



De Heloisa Buarque de Hollanda a Heloisa Teixeira: uma acadêmica contra o cânone.

From Heloisa Buarque de Hollanda to Heloisa Teixeira: an academic against the canon.

Dossiê: intérpretes do Brasil

Beatriz Resende*

ORCID: 0000-0003-4958-4265

E-mail:
resende.beatriz@gmail.com

Recebido: 01/01/2025

Aprovado: 04/02/2025

Resumo:

O texto apresenta a intelectual, crítica e professora Heloisa Teixeira, anteriormente Heloisa Buarque de Hollanda, que ao substituir o nome marcado pela tradição patriarcal pelo sobrenome materno realiza mais uma manifestação de seu eterno combate contra o cânone. O momento fundacional de tal postura intelectual foi a publicação da antologia 26 poetisas hoje, que criou a categoria literária “literatura marginal”.

Palavras-chave:

Heloisa Teixeira; Poesia brasileira; Literatura marginal; Poesia de mulheres.

Abstract:

The paper introduces the intellectual, critic and professor Heloisa Teixeira, formerly Heloisa Buarque de Hollanda, who, by replacing the name marked by patriarchal tradition with her maternal surname, fulfills yet another manifestation of her eternal fight against the canon. The founding moment of this intellectual stance was the publication of the anthology 26 poetisas hoje, which created the literary category “marginal literature”.

Keywords:

Heloisa Teixeira; Brazilian poetry; Marginal literature; Women's poetry.

Gostaria de começar comentando como o sentido de “Intérprete do Brasil”, que dá nome a nosso já longo grupo de pesquisa, vem se alterando, seguindo novas epistemologias, deixando de lado a necessidade de certa legitimação erudita, contemplando estudos de personagens que trazem concepções de cultura diversificadas, preocupados com questões de gênero e raça e estudos dedicados à periferia.

Nesse encontro, vou tratar de uma mulher que é intérprete decisiva para a cultura brasileira, ícone da resistência cultural no país, desde os anos 1960 até esse momento, com seus 86 anos ativos como sempre: nossa Helô¹. Inovadora, tem sido persistente nas

* Beatriz Resende é Professora Titular da Faculdade de Letras da UFRJ, onde é Pesquisadora no Programa de Pós-Graduação. Cientista do Nosso Estado pela FAPERJ e pesquisadora do CNPq. Trabalha com literatura e arte contemporâneas, especialmente as produzidas por mulheres.

¹ Em 28 de março deste ano de 2025, Heloisa nos deixou. Ficaram saudades imensas. abraços, Beatriz

lutas por inclusão das minorias, das manifestações culturais periféricas, legitimadora de muito do que foi considerado marginal pela alta cultura e mesmo pela academia. Hoje, membro da Academia Brasileira de Letras, fura a bolha de dentro da bolha, levando seu projeto mais audacioso, a Universidade das Quebradas, para a casa de Machado de Assis.

Quando enviei o resumo para o congresso da BRASA, ainda se chamava Heloisa Buarque de Hollanda. Hoje é de Heloisa Teixeira que vou falar como intérprete do Brasil.

Heloisa Buarque de Hollanda, verbete de enciclopédias, dicionários, bibliografias nacionais e internacionais, é referência fundamental em nossas pesquisas sobre literatura brasileira – especialmente poesia – estudos de cultura, relações entre arte e política, e sobre feminismo. Bibliografia fundamental, intérprete privilegiada do Brasil contemporâneo, HBH (uso aqui apenas as iniciais intencionalmente, como marca) tornara-se um cânone da cultura brasileira.

Respeito, admiração e reconhecimento dão sempre o tom quando a tomamos como fonte de referência ou objeto de pesquisa e teses. Só que tudo isso não estava combinando com a inquietude, a busca pelo novo, certa irreverência que constituem o modelo de intelectual que essa mulher significa.

Hora de derrubar o mito!!! Destruir a oficialidade do nome famoso. E é a própria Heloisa quem faz isso, em ato surpreendente, porém absolutamente coerente com toda a sua já longa trajetória.

O uso da nova identidade se torna definitivo quando, em 28 de julho de 2023, tomou posse na Academia Brasileira de Letras. Recebeu, naquele momento, o diploma de imortal das mãos do presidente da ABL já com o nome *Heloisa Teixeira*. Os colegas que tinham votado em Buarque de Hollanda levaram um susto, mas era bom para se acostumarem.

Curioso como, apesar do problema que se punha para nossas bibliografias, rapidamente o novo nome se impôs. Heloisa recebia zaps, e-mails e até cartas de mulheres apoiando da nova *persona*. Heloisa Teixeira já está na Wikipédia. O último e festejado livro, que retoma pesquisa anterior revista e acompanhada de nova tecnologia – leitura por QR de falas gravadas de participantes - emblematicamente intitulado *Rebeldes de marginais. Cultura nos anos de chumbo (1960-1970)*, já foi publicado com a nova/mesma autora: Heloisa Teixeira.

Assim, em 2023, a intelectual evidenciava a sua multiplicidade ainda uma vez e ela mesma explica a razão. Feminista na teoria e na prática, traz da vida pessoal, as razões para o desdobrar da identidade. Reconhecendo que o Buarque de Hollanda, herdado do marido, foi uma ajuda importante, um impulso no universo acadêmico, o que seria

ingênuo negar, afirma que ao chegar aos 80 anos passara a ser um peso.

Em entrevista a mim, Heloisa diz que Buarque de Hollanda tornara-se uma marca, não era mais ela. Do pai, médico, professor da UFRJ, segundo ela, o astro da casa, mantivera no casamento o Oliveira. Mas e a mãe? Onde se perdera? No convívio com feministas e com mulheres da periferia, especialmente mulheres negras, aprendeu muito sobre a linhagem materna, a importância imensa da mãe, da avó. A ancestralidade feminina como referência. Diz Heloísa:

Aí eu fiquei com uma vontade de resgatar a mãe tão violenta, que falei, tá na hora de mudar de novo. Joguei também meu pai para escanteio e virei Heloisa Teixeira, que é uma coisa que me dá muito conforto.²

E continua, pensando também na importância que as mães e avós têm entre as mulheres das camadas subalternas e no carinho e sororidade com que o novo nome foi recebido.

(...) a palavra é conforto, me dá colo. Eu acho bom. Agora o que é interessante é o impacto que isso teve, porque num dia que saiu uma matéria, no outro dia já, tinha virado. As pessoas me ligam, me mandam a uma correspondência lá de Salvador, São Paulo, Recife, tudo é Heloisa Teixeira.

Detive-me neste gesto, que tomará tempo de outros comentários sobre a intérprete, por uma questão fundamental que está aí contida e que orienta os estudos que venho desenvolvendo para tentar traçar um perfil dessa intérprete de nossa literatura, de nossa cultura, que se inicia com o estudo da professora e crítica de literatura, característica, porém, que estará presente em todos outros movimentos. Trata-se da “luta contra o cânone”: o interesse permanente pelo contemporâneo, com todos os riscos em que isso implica, ao invés de mover-se no campo do já consagrado. Nossa intérprete sempre diz, inclusive, que não gosta de olhar para trás.

Nunca olhei, não é de hoje. Nunca olhei, nunca olhei para trás. Você nunca viu uma coisa minha olhando para trás, nenhum trabalho. Olhando para trás, não. Eu não olho porque é uma certa viagem, não é nem porque não queira. (Arijón; Resende, 2019. p.120)

Tal decisão, fundadora de sua carreira, permanece em projetos, curadorias, inúmeros ensaios produzidos ao correr dos anos, organizações de textos teóricos. Do resto falarei em outros momentos.

O tema, aqui, portanto, é a recusa do cânone num movimento inicial, chave para outros gestos que virão depois, partindo de referência puramente literária num momento em que o cânone vigente era último modernismo. O cânone instaurado com o Modernismo de 22 fora substituído pelo instituído pelas gerações seguintes, com destaque para a magnitude de João Cabral de Melo Neto (1920-1999). Vale lembrar que a organização dos estudos literários, sua crítica e história, é feita de uma sequência de cânones em que é sempre perigoso mexer para seguir adiante.

² Entrevistas gravadas por mim no Rio de Janeiro em 2023/2024, não publicadas.

Em 1976, Heloisa ainda está ligada ao amor primeiro, aquele que, como diz Macunaíma, não tem companheiro: a literatura, de que foi professora por vários anos, preferindo a poesia, mas com olhar atento também para a prosa de ficção. Em meados dos anos 70 deixou a Faculdade de Letras para ajudar a criar a Escola de Comunicação quando passou a escrever sobretudo o que chamamos de crítica cultural. Mas nem deixa a literatura, nem os estudos literários a deixam, buscando na autora, sempre, leituras inovadoras e não contaminadas pelo que já fora absorvido, o que havia se incorporado aos currículos dos cursos de Letras, ao reconhecido.

O momento que sacudiu a crítica, diria mesmo que a *intelligentsia* acadêmica, foi o lançamento da polêmica antologia organizada a partir da identificação de 26 jovens poetas que iriam fazer parte do ficou conhecido como “poesia marginal”, a *26 poetas hoje* em 1976.

A criação da antologia foi um momento especial de manifestação do faro de Heloisa para o que está surgindo, uma sensibilidade peculiar de perceber para onde sopram novos ventos, e o que tais ventos levarão adiante. E mais, é a ruptura do cânone a partir do próprio modelo canônico de “antologia”. Porque assim é nossa intelectual: importante é mexer no cânone a partir da ideia de cânone, na universidade de dentro da universidade, no feminismo a partir do feminismo, e assim por diante.

A marginalidade consistia não na origem social dos escritores, conotação que a expressão receberá posteriormente, mas no modo de produção adotado. Diante das dificuldades de publicação por editoras consagradas, surgiu um circuito de criação e venda de livros de poesias independentes. Eram textos rodados em mimeógrafos e vendidos de mão em mão, nos cinemas, em encontros ou reuniões estudantis.

Eram circuitos que se constituíam em refúgios da cultura que vivia os anos repressivos da ditadura. Estávamos no governo do General Ernesto Geisel que reconhecia a exaustão do modelo ditatorial, o que não impedia que forças da repressão continuassem prendendo e assassinando, mas que terminará por anular o terrível AI-5. Tempos difíceis, mas com um leve sopro de otimismo.

A cultura percebia brechas de liberdade que não podiam ser desperdiçadas. A verdade, porém, é que formas de controle e pequenas dominações não eram percebidos como tal, especialmente quando ocorridas entre pares, na política, na academia ou entre homens e mulheres.

É importante reler a apresentação ao *26 poetas hoje*, onde a organizadora afirma que poesia é o artigo do dia. E era. Cito-a, falando da desierarquização pretendida dentro do espaço nobre da poesia na primeira edição publicada:

Dentro da precariedade de seu alcance, esta poesia chega na rua, opondo-se à política cultural que sempre dificultou o acesso do público ao livro de literatura e ao sistema editorial que barra a veiculação de manifestações não legitimadas pela crítica oficial. (Hollanda, 2021. p.27)

Na 1ª. Edição, estuda ainda o específico daquela linguagem, onde “a subversão dos padrões literários hoje dominantes é evidente”. Naqueles poemas, o coloquial é retomado do movimento modernista de 1922, pulando correntes, mesmo as de vanguarda, “que se impuseram de forma controladora e repressiva no nosso panorama literário”. Está comprada a briga que ia dos admiradores da poesia moderna mais erudita, os estudiosos da geração de 45, aos concretistas de São Paulo.

A verdade é que *26 poetas hoje* deu visibilidade a poetas ainda pouco conhecidos como Cacaso, que se tornará teórico do movimento mimeógrafo, e Chico Alvim, que já publicara o importante *Sol dos cegos*, mas estava longe do reconhecimento como o grande poeta que é. Curiosamente, foi com a poesia marginal que surgiram nomes hoje consagrados, canônicos, poderia talvez dizer, como Afonso Henriques Neto, Zuca Sardan, Leila Micolis, além da mitológica e tão estudada Ana Cristina César, incluída na seleção quando ainda era ainda aluna da PUC/Rio. Dos selecionados, dois se tornaram membros da Academia Brasileira de Letras: Antônio Carlos Secchin e Geraldo Carneiro. Quem diria, o Geraldinho!!!

Em 1976, em seguida a fortes críticas dos poetas concretos, que se pretendiam os únicos inovadores radicais, Heloisa é entrevistada para a Revista “José” do mês de agosto pelo conselho da revista de literatura. Eram críticos – homens, é claro – que formavam a nata do pensamento sobre poesia nos anos 70: Luiz Costa Lima, crítico, Jorge Wanderley, poeta, e Sebastião Uchoa Leite, poeta e crítico.

Para percebermos o tom dos machos-alfa: logo no início, Luiz Costa Lima quer saber dos critérios para a seleção. Sebastião Uchoa Leite afirma que não há uma proposta estética comum, mas sim uma proposta existencial comum; e mais adiante garante que na antologia “o grande assassinado é João Cabral”. Em determinado momento, Jorge Wanderley e Luiz Costa Lima travam diálogo que é termômetro do combate que era travado diante de um ataque ao cânone vigente.

O comentário dos editores que, cabe lembrar, a haviam convidado a falar, é implacável. Passo a citar a entrevista. (Arijón; Resende, 2019. p.13 a 37)

JW – Há um ponto que vale a pena ainda discutir – se admitirmos por hipótese- que a antologia tenha uma unidade positiva.
LCL – Mas não tem, Jorge.
JW – está provado que não...

Para Heloisa – e aí está grande perspectiva crítica inovadora – a unidade está no comportamento antielitista, crítico dos conceitos de “qualidade”, tecnocrático, presente inclusive na universidade. É uma juventude que troca o futuro pelo aqui e agora. E afirma: “Nisso vem o sentido de imediatez, de festa, de liberdade sexual, que se nutre do momento sem futuro, de um momento que se cumpre na sua precariedade”. Nada poderia ser mais definidor dos anos 70.

Ao final, Jorge Wanderley afirma com certa maldade: “não se pode fazer um diagnóstico a partir desse registro que antologia é. Mas ela é um registro. Que aliás, deu muito certo comercialmente”.

Na verdade, registrou o momento, só que foi muito além, terminou por mapear os rumos da poesia dali por diante. Só para reiterar a importância decisiva que vejo nesse gesto anticanônico, vou seguir brevemente a tarefa de antologista mais adiante.

Em 1998, veio uma antologia dos anos 90: *Esses poetas. Uma antologia dos Anos 90*. O livro é apresentado como uma antologia da década que se encerrara e fora fértil em poesia. Em 1998 vários dos selecionados já circulavam em diversos circuitos como Waly Salomão e Carlito Azevedo.

A proposta foi reunir poetas que começaram a publicar nos anos 90. Era um momento de esperança no processo de globalização, de democratização, com modificações globais que se seguiram à queda do muro de Berlin. Triste e efêmera ilusão com a possibilidade de um mundo pacificamente globalizado que foi enterrada pelo 11 de setembro de 2001. Rapidamente o neoliberalismo crescente destruirá o breve otimismo. Naqueles anos, porém, o impacto do surgimento de casos de AIDs levantou debates que iam dando nova voz ao movimento gay. O feminismo espalhava-se com novas formulações. A figura da maioria pobre começava a ser investigada como “excluído” ou “excedente”.

A antologia traz poetas que eram profissionais cultos, com formação superior, jornalistas, professores, todo o contrário da geração anterior, antiestablishment. Heloisa afirma que o critério de seleção dos poetas que participaram foi definida por afinidades eletivas da organizadora.

Vale reler a importante introdução ao volume onde é feito um mapeamento da produção poética dos anos 90 e a autora comenta que, junto e a partir das distinções canônicas entre gêneros, linguagens (com o surgimento de experimentos de oralidade e performances) e o que chama de “territórios políticos”, instala-se a complexidade da estética poética manifestada.

Dentre os selecionados estão Eucanaã Ferraz, Alberto Martins, Leminski, Ricardo Aleixo e outros poetas mais do que reconhecidos. Não se pode deixar de observar que o critério de “qualidade”, tantas vezes relativizado, estava aí presente. A pergunta: o que faz da poesia poesia? Voltava sob outra perspectiva. É uma questão que ocupará todo o trajeto da nossa crítica e será frequentemente retomada, reformulada, questionada em função da própria produção que vai se surgindo. A abertura, a sensibilidade livre, diante do novo, nas artes, é a única forma do pensamento crítico não se apoiar no já referendado, em certezas.

Creio poder dizer que a presença constante da dúvida, junto com uma espécie de curiosidade intelectual permanente, é característica da trajetória intelectual de Heloisa Teixeira. Junta-se a tal peculiaridade a capacidade rara de *ouvir*.

A antologia traz, porém, um problema, que por muitos anos vai ficar atravessada na garganta da própria Heloisa: a pouca participação de mulheres poetas. A reparação chegou com *As 29 poetisas hoje*, de 2021, que foi publicada pela sólida Companhia das Letras. As poetisas, porque são 29 mulheres, jovens, muitas inéditas em livro.

O ensaio que apresenta o livro é, ainda uma vez, importante e madura reflexão sobre o cânone literário e discussão questionadora do que é “essa estranha instituição chamada literatura” como diz Jacques Derrida.

Heloisa começa identificando na poesia contemporânea de mulheres a influência decisiva de Ana Cristina César, lançada naquela sua antologia de 1976. É a reflexão apresentada pela poeta sobre as relações poesia-feminino-feminismo que provoca o interesse por sua poética. Dessa maneira, Ana C. serviria como um solo para o que a autora chama, de “Jovem cânone de poesia de mulheres”.

No sólido ensaio inicial a autora identifica as poetisas que mereceram destaque nos anos 2020: Angélica Freitas, Alice Sant’Ana, Ana Martins Marques, Marília García e Bruna Beber. Mas não são essas que compõem o conjunto de 29 poetisas. São, sim, as que mais influenciaram e serviram de referência às poetisas mais jovens do aqui e agora, mas não é delas que a antologia se ocupa, já estão consagradas. A seleção continua sendo uma aposta no novo, novíssimo. A escolha seguiu o olhar feminista que vinha determinando as leituras teóricas da pesquisadora. E, segundo ela, o diferencial das 29 poetisas é conquista do conjunto de obras de escritoras mulheres no momento em que assumem, no Brasil e no mundo, forte protagonismo. O que é fundamental para a nova literatura de mulheres representa capital inestimável: um ponto de vista próprio e irreversível, o enfrentamento sistemático do cotidiano, dos desejos e dos custos de ser mulher, já bem distante do que se conhecia como linguagem e/ou poética de mulheres. A nova experiência com a linguagem é a consequência imediata dessa conquista. As poetisas formam uma espécie de coro, falando em voz alta e forte. Segundo Heloisa, tratava-se de: “Vozes fora do eixo dominante, hétero normativo e branco: são vozes lésbicas, vozes negras, vozes trans, vozes indígenas, interseccionais”.

Reconhecendo a importância da oralidade e da performance na produção poética dessas jovens mulheres, Heloisa acrescenta a novidade tecnológica que vai retomar, posteriormente em *Rebeldes e marginais*. Ao final de cada bloco de autoras há um QR code que nos leva à gravação ao vivo das leituras das poetisas. Novidade demais. Pouca gente percebeu. E a crítica ainda precisa se abrir para a novidade de tais recursos.

Só para fechar: no enfrentamento da Heloisa com a crítica, canônica e masculina,

aparece, desde o início, o que destacamos hoje como a formulação de epistemologia feminista, antes mesmo de nos empenharmos em reivindicar tal debate teórico.

Fico devendo outros aspectos da multiplicidade de Heloisa Teixeira. Não faltará oportunidade de conversarmos sobre essa perturbante intérprete do Brasil.

Referências

ARIJÓN, Teresa e RESENDE, Renato. *Encontros: Heloisa Buarque de Hollanda*. Rio de Janeiro: Azougue, 2019.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. *26 poetas hoje*. (Antologia 1976). São Paulo: Companhia das letras, 2021.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. *Esses poetas. Uma antologia dos Anos 90*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998

HOLLANDA, Heloisa Buarque. *As 29 poetas hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021